



PENSANDO ÁFRICAS
E SUAS DIÁSPORAS
NEABI – UFOP

Pensando Áfricas e suas diásporas

www.periodicos.ufop.br/pp/index.php/pensandoafricanas

NEABI – UFOP - Mariana/MG

Vol. 01 N. 01 – jan/jun 2015

Anais do III Seminário Pensando Áfricas e suas diásporas - parte 2

Escrita, voz e eco em Carolina Maria de Jesus

Marianna Guimarães Alves*

Resumo: Este trabalho integra uma pesquisa mais ampla do GP CNPq GEDIR - Gênero, Discurso e Imagem, voltada para a transcrição e estudo dos manuscritos não publicados de Carolina Maria de Jesus, integrantes da coleção Vera Eunice, da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Apresenta resultados parciais da transcrição - também parcial - do primeiro rolo da coleção, com relatos posteriores à publicação de seu primeiro diário, bem como articula questões de gênero, raça e condição social presentes em *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus. O trabalho enfoca dialogias como dominados e dominadores, submissos e insubmissos, vencedores e vencidos com base em algumas reflexões teóricas de Walter Benjamin referentes à história e à memória. Neste artigo, portanto, será feita uma análise dos traços convergentes e divergentes que abrangem os dois momentos da escritora e as questões centrais que lhes fazem escrever.

Palavras-chave: Carolina Maria de Jesus; *Quarto de despejo*; História; Memória.

Abstract: This work integrates a broader research of the GP CNPq GEDIR - Gender, Discourse and Image, directed to the transcription and study of the unpublished manuscripts of Carolina Maria de Jesus, members of the Vera Eunice collection, of the National Library of Rio de Janeiro. It presents partial results of the transcription - also partial - of the first roll of the collection, with reports after the publication of its first diary, as well as articulates questions of gender, race and social condition present in *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, written by Carolina Maria de Jesus. The work focuses on dialogues as dominated and dominating, submissive and insubmissible, winners and losers based on some theoretical reflections of Walter Benjamin concerning history and memory. In this article, therefore, will be made an analysis of the convergent and divergent traces that cover the two moments of the writer and the central questions that make them write.

Keywords: Carolina Maria de Jesus; Storage room; History; Memory.

Introdução

Este trabalho é parte de uma pesquisa mais ampla do Grupo de Pesquisa GEDIR - Gênero, Discurso e Imagem (CNPq), voltada para a transcrição e análise dos manuscritos não publicados de Carolina Maria de Jesus, integrantes da coleção Vera Eunice, da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Além de apresentar fragmentos de estudos resultantes da

* UFRRJ. E-mail: mariannaguia-neab@yahoo.com.br

transcrição parcial destes manuscritos, posteriores aos conteúdos de seu primeiro diário, este artigo busca articular também questões de gênero, raça e condição social presentes em *Quarto de despejo- diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus. Serão abordadas nas obras dialogias como dominados e dominadores, submissos e insubmissos, vencedores e vencidos com base em algumas reflexões teóricas de Walter Benjamin referentes à história e à memória; além de traços convergentes e divergentes que abrangem os dois momentos da escritora e as questões centrais que lhes fazem escrever.

Carolina Maria de Jesus era moradora da favela do Canindé em São Paulo e vivia em um mísero barraco somente com seus três filhos. Como forma de sobrevivência, catava papel e ferro para vender e comprar alimentos e quando não conseguia dessa forma, catava comida do lixo para a alimentação de sua família. Em seus diários, relatava o cotidiano dos moradores da favela, que são pessoas vivendo em situações precárias, sem dinheiro, sem comida, sem um bom lar e geralmente sem esperanças de melhora. Sobretudo, os diários denunciam as mazelas da população e a omissão do governo, como apontam os exemplos a seguir:

... Tem um adolescente por nome Julião que as vezes expanca o pai. Quando bate no pai é com tanto sadismo e prazer. Acha que é invencível. (sic) (JESUS, 2001: 34)
No nosso paiz tudo está enfraquecendo. O dinheiro é fraco. A democracia é fraca e os políticos fraquíssimos. E tudo que está fraco, morre um dia. (sic) (JESUS, 2001: 35).

Nota-se também que, entre as mazelas, está a violência interna da favela, impedindo que se 'idealize' o lugar do pobre, do vencido ou o do explorado. O sentimento é de fraqueza na política.

A escritora foi descoberta pelo repórter Audálio Dantas, quando esse procurava uma reportagem sobre a favela que se expandia às margens do Rio Tietê no Canindé, SP. Com os diários em mãos, ele fez uma seleção e, no ano de 1960, foi publicado o livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, sendo traduzido posteriormente para outras línguas.

Os manuscritos estudados e transcritos relatam o dia-a-dia de Carolina Maria de Jesus depois de ter sido encontrada por Audálio e já ter trechos de seus diários divulgados midiaticamente e publicados em periódicos. São relatos anteriores ao lançamento de seu primeiro livro onde Carolina já começa a despertar para uma nova realidade, como aponta o seguinte trecho da primeira página do manuscrito: “graças ao Audálio! o meu sonho concretisa. E a minha vida segue outro curso”.

Comparando o cotidiano relatado por Carolina em *Quarto de Despejo* com o relatado nas transcrições, percebemos uma importante mudança em sua vida. No manuscrito a autora

escreve: “O mundo era negro. ficou névio igual as nuvens que vaguêiam (sic) no espaço”(JESUS, 1960: 19 de maio), ou seja, o verbo conjugado no pretérito (era) indica um estado que já não faz mais parte do presente da autora. Além disso, os qualificadores utilizados metaforicamente para descrever o passado e o presente são, de certa forma, contrários (negro e névio- indicando preto e branco, ruim e bom), indicando oposição entre as vivências. No primeiro momento, Carolina era somente uma favelada que gostava de ler e escrever; já num segundo, era a escritora da favela reconhecida por seus aparecimentos públicos consequentes da divulgação de seu diário. Antes, uma moradora culta da favela e agora, a grande revelação do mundo literário. Essa diferença não é notada somente na maneira como passam a tratá-la e reconhecê-la, mas também em suas atitudes e em seus escritos. Se antes a autora escrevia sem saber quem seria seu leitor e principalmente sem saber se seria lida, agora Carolina se dirige a um interlocutor de forma mais explicativa e ciente da leitura de seus escritos. No trecho “Um "bacataré" Esta palavra é japonêza (sic). Quer dizer: idióta (sic). Eu esclareço a frase. pórque (sic) você ha (sic) de querer procurar no Dicionario (sic) o qualificativo e não vae (sic) encontrar voltamos ao João.” (JESUS, 1960: 22 de maio), percebe-se um diálogo da escritora para com seu leitor, no qual, de uma forma dinâmica, ela explica o significado da expressão utilizada (bacataré), convidando depois o leitor a voltar ao assunto anterior (“voltamos ao João”).

Com as publicações, Carolina recebe um prêmio e passa a ser entrevistada pela mídia, o que a torna conhecida no meio artístico e por pessoas comuns nas ruas. Passa a ser respeitada e melhor tratada como comprova o exemplo: “Antigamente eu era a negra suja. A bixêira (sic). Agora, todos querem falar-me.” (JESUS, 1960: 19 de maio). Percebe-se que a fama transforma o modo como era considerada pelas pessoas, que antes a tratavam de forma depreciativa e agora com devida importância consequente de sua nova reputação. Também com as aparições midiáticas, seus vizinhos julgam-na rica e passam a questionar sua profissão de catadora de papeis, o que causa mais uma de suas queixas, quando escreve: “Hoje eu estou triste. Não sei o que vau (sic) fazer de minha vida. (sic) vau catar papel não ganho nada e tenho que ouvir as ditas (sic) “do povo. Você agora é rico!” Não precisa catar papeis.” (JESUS, 1960: 23 de maio). Nota-se nesse exemplo a generalização feita para com a situação de Carolina, onde ela é classificada como rica por estar frequentando uma camada social (redações, estúdios) destoante da realidade vivida por ela na favela e por agora ter melhorado sua situação financeira (já que a autora passa a receber quantias que a permitem, por exemplo, comprar sapatos, agasalhos e comida para os filhos). Ademais, percebe-se uma nova visão de

Carolina sobre a profissão que exercia, quando ela diz: “vau catar papel não ganho nada”, sendo uma percepção equivocada e contradita por seu próprio passado, já que antes sobrevivia do dinheiro que ganhava ao catar papel.

Carolina era mulher, negra, mãe solteira e favelada, características essas que, diante de uma sociedade capitalista e historicamente escravocrata e machista, a impediriam de progredir, pois muitos ainda naturalizam noções de que negros são servos dos brancos, mulheres dos maridos e pobres dos ricos, com estigmas de classe e gênero longevos. Depois da Abolição dos escravos, no ano de 1888, poucos foram os negros que melhoraram de vida, isso porque não tiveram um amparo governamental para construírem sua vida de “liberdade”, tendo assim que migrarem para moradias precárias e improvisadas, denominadas favelas, a fim de sobreviverem às novas condições. Em pouco tempo aumentou-se o nível populacional e diversificou-se os tipos de moradores; não eram mais só os negros que viviam nessas habitações populares, mas sim as pessoas de baixa renda em geral. Em um dos trechos do manuscrito, Carolina denuncia: “O que eu sei dizer é que o Brasil transformou-se num hotel que os pobres encontram dificuldades para hospedar-se” (JESUS, 1960: 23 de maio).

Segundo a escritora, em *Quarto de despejo*, os favelados são “projetos de gente humana”: pensando no significado da palavra, temos ‘projeto’ como algo que ainda não é real, que está planejado, esboçado, mas que não se concretizou (Minidicionário da Língua Portuguesa Evanildo Bechara). Sendo assim, segundo o que escreve Carolina, os favelados não são de fato humanos, mas sim um esquema, um desejo de ser gente. Seguindo descrições, Carolina classifica a favela como “o quintal onde jogam os lixos”, “quarto de despejo”, entre outros, o que não muda muito com o tempo, já que mesmo passando-se quase cinco anos Carolina escreve:

Que elas não conheça (sic) a favela.
O antro de são paulo (sic), a mazela
_ O quarto de despêjo (sic).
Favela é um suplicio eterno
E (sic) a sucursal do inferno. (JESUS, 1960: 22 de maio)

Percebe-se nesse trecho, destinado a crianças num programa televisivo, que a visão que Carolina tinha da favela era sempre ruim. Aconselha as crianças a não conhecerem a favela por ser um lugar asqueroso digno de suplício eterno. Mas essa não era uma opinião só da autora, pois no auge de seu reconhecimento público, Carolina escutou:

Ela é escritóra (sic) da favela.
Ouvi uma gargalhada irónica (sic).
_ Favela não dá escritór (sic)! Dá ladrão, tarado, e vadio.
Homem que mora na favela é pórque (sic) não presta. (JESUS, 1960: 22 de maio)

Aumentando as considerações a respeito do espaço e dos habitantes às margens de uma massa social desigual e insolente, o exemplo dado acima generaliza de forma incorreta as pessoas que vivem em comunidades populares. Pela falta de estrutura e recursos, os moradores da favela são julgados preconceituosamente como delinquentes, criminosos; como pessoas imprestáveis e incapazes de construir uma vida melhor do que a esperada.

Em um ensaio de Walter Benjamin, intitulado “Experiência e pobreza” (1933), encontra-se uma importante reflexão teórica referente ao que foi dito anteriormente:

A crise econômica está diante da porta, atrás dela está uma sombra, a próxima guerra. A tenacidade é hoje privilégio de um pequeno grupo dos poderosos, que sabe Deus não são mais humanos que os outros; na maioria bárbaros, mas não no bom sentido. Porém os outros precisam instalar-se, de novo e com poucos meios. (BENJAMIN, 1994, 119)

Resumindo, segundo Benjamin, os poderosos que subestimam e oprimem os direitos e valores dos não poderosos são menos humanos que esses, pela crueldade e barbaridade causadoras da deslocação inopinada e pobre dos menos influentes. Isso acontece porque, com a atenção e valorização somente dos que estão no centro da sociedade, com alto grau financeiro e presumivelmente escolar, deixam-se de lado os periféricos, os que vivem às margens da preocupação central e que são considerados inferiores financeiramente e, por consequência, culturalmente - visto que a cultura é supostamente ligada à alta condição social. Essa é a regra geral, a opressão e a exploração dos marginalizados.

Carolina também sofreu racismo, sendo seus escritos desmerecidos e menosprezados pela cor de sua pele: “... Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circos. Eles respondia-me: _É pena você ser preta.” (sic) (JESUS, C. M.. 2001: 58) E contra o argumento exemplificado, Carolina rebateu escrevendo: “Esquecendo eles que eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rustico. (sic) [...] Se é que existe reencarnação, eu quero voltar sempre preta” (JESUS, 2001: 58), demonstrando não se intimidar com a agressão preconceituosa e assumindo a adoração de sua raça. O primeiro trecho implica a conclusão de, por ser negra, não poder ter uma peça apresentada ou uma escrita divulgada, explicitando a herança histórica de vencedores e vencidos onde o negro, para muitos, deve estar sempre na posição de vencido e não de vencedor. Na transcrição do manuscrito, encontra-se a seguinte passagem: “Tem pessoas que revoltar quando o preto revela qualidade patentes.” (sic) (JESUS, 1960: 23 de maio), o que corrobora com a ideia apresentada de que há uma insatisfação cravejada para com as conquistas dos negros e subestimação de seus valores.

Sobretudo, além de sofrer, exerce o preconceito racial, refletindo em suas palavras as classificações pejorativas utilizadas intolerantemente, como pode-se perceber no exemplo:

-Eu estava dizendo aos filhos que eu desejava ser preta.

[23/27]

Escrita, voz e eco em Carolina Maria de Jesus. • ALVES; Marianna Guimarães.

-E você não é preta?

-Eu sou. Mas eu queria ser destas negras escandalosas para bater e rasgar as tuas roupas.
(JESUS, 2001: 119)

Nota-se, num primeiro momento, que Carolina não se reconhece negra, onde, afastada de sua condição racial, generaliza de forma hostil uma característica comum e grosseira como sendo própria somente de negros.

Referente ao papel de gênero que lhe cabia, Carolina contrariava a “regra” não admitindo casar-se e, por conta disso, sofria represálias de seus vizinhos como mostra a seguinte passagem:

Todas crianças jogam pedra, mas os meus filhos são os bodes expiatorios. Elas alude que eu não sou casada. Mas eu sou mais feliz do que elas. Elas tem marido. Mas, são obrigadas a pedir esmolas. São sustentadas por associações de caridade. [...] E elas, tem que mendigar e ainda apanhar. (JESUS, C. M., 2001: 14).

Um dos motivos dessa escolha da autora era a violência doméstica presenciada em outras casas, como no exemplo acima. Sua prioridade eram os filhos e justifica também dessa forma o fato de não arrumar um marido. Sobre isso, Carolina escreveu: “Eu tenho muito serviço. Não posso preocupar com homens. Meu ideal é comprar uma casa decente para os meus filhos.” (JESUS, 2001: 166) e “O homem entra pela porta. O filho é raiz do coração.” (JESUS, 2001: 44)

Quanto à vaidade esperada de uma mulher, Carolina dispara: “tem mulheres que sonham com um guarda-roupa(sic) batada de vestidas _ E eu... quero uma estante com livrós.” (JESUS, 1960). Corroborando novamente com a diferença apresentada quando comparada com outras mulheres. Seguindo firme em seu ideal, uma das frases mais marcantes em *Quarto de despejo* é onde Carolina confessa:

O senhor Manuel apareceu dizendo que quer casar-se comigo. Mas eu não quero porque já estou na maturidade. E depois, um homem não há de gostar de uma mulher que não pode passar sem ler. E que levanta para escrever. E que deita com lápis e papel debaixo do travesseiro. Por isso é que eu prefiro viver só para o meu ideal. (JESUS, 2001: 44);

Como a própria autora dizia, “E (sic) que eu estou sempre com a canêta (sic) na mão. Vim ao mundo para amar a literatura (sic).” (JESUS, 1960: 22 de maio); seu amor era a literatura, seus amantes eram os livros e, à noite, era com o lápis e o papel que se deitava.

Embora afirmasse estar satisfeita com sua opção (“não casei e não estou descontente” (2001: 14), em alguns momentos ela deixava transparecer certa solidão por conta disso, como aponta o exemplo: “Como é pungente a condição de mulher sozinha sem um homem no lar” (JESUS, 2001: 19). Aqui, a autora confessa a dificuldade enfrentada por criar sozinha os seus

filhos (já que antes menciona que “eles não tem ninguém no mundo a não ser eu”) dizendo ser pungente a condição de mulher sozinha, deixando prevalecer as marcas históricas de que o homem fortalece e assegura o lar. Por isso também, Carolina é um exemplo de firmação dentro do papel de gênero, visto que contraria a posição que deveria assumir dentro dele, de submissão.

No exemplo “Quando eu era menina o meu sonho era ser homem para defender o Brasil, porque eu lia a História do Brasil e ficava sabendo que existia a guerra. Só lia os nomes masculinos como defensor da pátria...” (JESUS, 2001, 48), extraído de *Quarto de despejo*, temos a percepção de soberania do gênero masculino, onde somente ele era capaz de transformar a história. Segundo Benjamin, “a história universal não tem qualquer armação teórica. Seu procedimento é aditivo. Ela utiliza a massa dos fatos, para com eles preencher o tempo homogêneo e vazio” (BENJAMIN, 1994, 231), ou seja, como somente a massa dos fatos é descrita, há vozes esquecidas e emudecidas dentro da história; o que é perpetuado e ignorado, visto que o poder de adicionar fatos nesse sistema pertence aos poucos representantes de uma elite. As vozes apagadas dos vencidos não participam da narrativa histórica, o que faz com que os fatos sejam apresentados sem problemas, de forma simplista, sem heterogeneidade. Ironicamente, no auge de seu sucesso, Carolina é surpreendida com a seguinte manchete:

quando entrei na sapataria vi uns (sic) nos ladrilhos e o meu retrato. _ Li. O Brasil precisa ser dirigido por alguém que já passou fome.
_Sorri achando graça e peguei o jornal para eu ler pensei: é póristo que o povo estão dando-me os parabens (sic). (JESUS, 1960)

A frase tão utilizada por ela em seu diário (“O Brasil precisa ser dirigido por alguém que já passou fome”) junto de sua imagem num jornal sugere uma mudança dentro do contexto tradicional; anuncia uma nova possibilidade de mudança na percepção histórica para o país, principalmente quando esta pessoa que passou fome é uma mulher.

Destoante dessas generalizações, Carolina consegue conquistar um espaço que até então não era possível. Passa a ser reconhecida nas ruas como “a mulher que escreve”, “senhora que apareceu na televisão”, “escritora da favela”, características essas dedicadas, sobretudo, a um perfil social que a excluía. Assim, pode-se afirmar que não somente o papel de gênero é contrariado por ela, mas também o de raça e a condição social. Agora é possível pensar em uma mulher negra e favelada como escritora, sendo tratada respeitosamente de senhora mesmo não sendo casada.

Em *Quarto de despejo- diário de uma favelada*, Carolina quase não sorri por não ter motivo, mas escreve por ter muitos deles. Escreve para denunciar; escreve para desabafar; escreve para criticar; escreve para ascender e principalmente para marcar uma realidade possível para ela. Não tem só fome de comida, mas também de mudança. Tem o objetivo de escrever um livro para vendê-lo e com esse dinheiro, comprar um terreno e sair da favela. Segundo Benjamin, “a imagem da felicidade está indissolúvelmente ligada à salvação” (BENJAMIN, 1994, 223), salvação essa que para ela e seus filhos seria sair da favela; lugar muitas vezes comparado com o inferno.

Diferentemente, nos manuscritos, Carolina é uma revelação literária e se mostra satisfeita em muitos momentos. Permanece o intuito de denúncia e desabafo em seus escritos, mas agora com a euforia de agradar ao leitor e às pessoas que colaboram para com seu progresso. Agora com mais tempo para ler e escrever e com doadores frequentes de livros, convive com uma relação mais íntima com esse objeto: “Voltei alegre para a favela acariciando os dois livros (sic) como (sic) se fôssem (sic) dois (sic) filhos gêmeas (sic) (JESUS, 1960: 19 de maio). E afirma sua motivação: “Eu não escrevo para ganhar fortunas (sic). Escrevo porque gosto de livros (sic). Gosto de jornais (sic) (JESUS, 1960: 20 de maio).

Num dos ensaios de Montaigne, cujo título é “Pedantismo”, encontra-se um fragmento que muito diz sobre a vida de Carolina, como se pode observar:

Assim como os pássaros vão às vezes em busca de grão que trazem aos filhotes sem sequer sentir-lhe o gosto, vão nossos mestres pilhando a ciência nos livros e a trazendo na ponta da língua tão-somente para vomitá-la e lançá-la ao vento. (MONTAIGNE, 1987: 71)

As melhores refeições para Carolina eram os livros. Tinha fome de ler e escrever para que sua escrita fosse ‘lançada ao vento’, fazendo ecoar em todos os cantos e entre todos os tipos, porém possuía limitações quanto ao domínio da norma culta. Ainda assim, com seu autodidatismo, Carolina passa a utilizar palavras eruditas e intertextualizações despropositadas.

Eu olhava os livros nas prateleiras. Entramos (sic) no elevadô (sic).
Chegando no segundo andar eu tinha a impressão de ser o rei (sic) Midas que gostava de ouro e queria que tudo no mundo fosse (sic) de ouro.
A minha alegria era, porque (sic), em qualquer direção que pausava o meu olhar via livros (sic). (JESUS, 1960: 19 de maio)

Nesse exemplo, fica claro o conhecimento que Carolina tem quanto ao dom do Rei Midas, mas o contextualiza de forma artificial, transparecendo a noção mencionada em Montaigne de “trazer na ponta da língua tão-somente para vomitar”. Ou seja, usava muitas vezes termos de

forma avulsa somente para demonstrar erudição, o que não é necessariamente um conhecimento.

Assim, depois de analisar seu cotidiano impresso nessas duas diferentes fontes (livro e manuscrito), podem-se considerar os objetivos de vida de Carolina Maria de Jesus e as lutas ideológicas travadas por ela ao longo de seu percurso como fundamentais para a ruptura simbólica de conceitos cristalizados, como de dominado e dominador, vencedor e vencido e submisso e insubmisso. De todas as classificações pertencentes às suas características, Carolina as driblou majestosamente traçando um caminho único, diferente de todos aqueles supostos e previsíveis. Não cabia ideologicamente na favela por ser crítica; e não cabia na sociedade externa à favela por ser favelada. Era uma marginalizada deslocada e em quaisquer dos mundos por onde transitou.

Bibliografia:

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura história da cultura*. 7. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas v. 1)

BECHARA, E. *Minidicionário da Língua Portuguesa* Evanildo Bechara. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2009.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo- Diário de uma favelada*. 8. Ed. São Paulo: Ática, 2001.

JESUS, Carolina Maria de. *Coleção Vera Eunice MS 565 (1)*, Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, 1960.

MONTAIGNE, Michel de. *Ensaaios*. 4 ed.. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Nova Cultural, 1987.